Anais Eletrônicos da Semana de Teologia | ISSN 2238-894X
XXII Semana de Teologia | Simpósio Internacional de Mariologia | Maria no Mistério de Cristo e da Igreja
Recife, 10 a 12 de maio de 2017

"ASSIM NA FÁBRICA COMO NO CÉU": O DISCURSO PROTESTANTE E AS PRÁTICAS TRABALHISTAS NO ESTADO DE EXCEÇÃO (1964-1985)

André dos Santos Borges[1]

A data, 31 de Março de 1964, estava prestes a se deflagrar um dos episódios mais controversos da história recente, da política brasileira. Salvo as devidas proporções ao cenário político atual, o Brasil veria sua democracia ir aos ares dentro de alguns anos e todo um processo de construção política se desmoronar. Um dia depois, nas ruas de todo o país o povo é conclamado a figurar uma das provas mais contundentes de que a história religiosa brasileira foi e é uma história política. A "marcha da família com Deus e pela liberdade"[2], viria a manifestar o apoio ao regime e dentro das entrelinhas mostrar como a troca entre a fé no seu sentido privado e o universo público político, ou seja, o *res publicum,* se entrelaçam e traçam perspectivas a partir de seus agentes atuantes, agentes tais que constroem uma identidade e participam na formação dessa relação entre religião, política e sociedade.

Ao passo em que essa religiosidade se insere na política e vice-versa, a população e mais especificamente os operários, objeto de análise direta em nossa pesquisa, se veem em malhas de construção de seu perfil e de seus discursos sendo diretamente influenciados e até mesmo direcionados pelo poder instituído, pela ordem dominante e, sobretudo, pelas instâncias que lhe rodeavam especialmente no que concerne a visão de mundo e construção do *habitus*[3] que lhe vai, como já antes dito, permear vários aspectos de sua vida e até certo ponto, lhe dizer que atitudes tomar e que práticas são ou não permitidas, inclusive do ponto de vista social. Enquanto sujeitos estruturantes desta sociedade o universo privado e ao mesmo tempo coletivo vão competir em relação a prevalência, aqui especificamente com o privado sobrepujando o coletivo.

---

[1] Mestrando no PPG – CR UNICAP. Pesquisa na área de Ciências da Religião, ditadura militar e protestantismo. Contato: Andre_andresantos@hotmail.com.

[2] "Para uma multidão de cerca de 200 mil pessoas, em 19 de março 500 mil desfilaram da praça da República à praça da Sé, em São Paulo, na "Marcha da Família com Deus pela Liberdade". Cf. CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcus Roberto de. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 47, p. 271-302, 2004.

[3] Bourdieu (1980)

Então essa religiosidade intrínseca ao ser humano de alguma maneira lhe modifica e lhe traduz pensamentos e ações, especialmente quando tratamos de cosmovisões que tem por premissas perspectivas totalizantes, como o cristianismo e em específico na sua vertente protestante.

É ainda interessante esclarecer que o trabalho gira em torno de uma análise do discurso da igreja, no que diz respeito aos seus diversos e determinantes posicionamentos políticos e em como esses posicionamentos permeiam as práticas do indivíduo dito “crente” ou o fiel, especificamente no que tange o seu universo enquanto fiel e ao mesmo tempo trabalhador. É ainda interessante notar que no período de recorte (1964-1985) a igreja tinha uma postura às vezes neutra às vezes atuante, principalmente no que diz respeito a construção das mentalidades que seguiam ao raciocínio litúrgico e discursal da instituição

> Com o fim do governo de Getúlio Vargas, em 1945, e o início da guerra fria, em 1947, uma das formas de participação política, por essas denominações, foi aderir ao discurso anticomunista, que passou a ser algo mais presente em setores da sociedade em meados do século XX. Além de jornais, polícia, governantes, partidos políticos fizeram o que podiam para que as ideias marxistas não tivessem espaço em nenhum núcleo social.[4]

O maior exemplo dessa construção de mentalidades é justamente a formação de um movimento combativo ao comunismo dentro do seio protestante, sobre isto comenta Silva:

> Os debates sobre as crises que passara o país nos anos que antecederam ao golpe chegaram também ao seio das congregações evangélicas, como que provocados pelos comunistas. Com o objetivo de controlar tais crises, os protestantes brasileiros se aliaram no *Dia nacional de jejum e oração* para que Deus os livrasse do *perigo vermelho* que rondava a sociedade.[5]

Porém como é de conhecimento geral, essa preocupação era muito mais uma perspectiva estatal, mais uma vez se percebe a política e a religiosidade intrínsecas no universo de *constructo* social, e é claro se vale da construção de discursos também nas instituições evangélicas uma vez que, teoricamente contaria com menos revolta e reivindicação dentro de profissionais com perfis ordeiros do que em outros casos, isso devido a sua religiosidade. Ainda assim o medo de uma revolução comunista ou qualquer movimento político no intuito de um golpe ou o que quer que fosse vindo das esquerdas, era uma constante.

---

[4] SILVA, Paulo Julião da. **O anticomunismo protestante e o alinhamento ao golpe militar (1945-1964).** Curitiba: Editora Prismas, 2014. Cap. 2, p.78.
[5] Ibidem, Cap. 3, p. 168.

> Na base dessa avalanche ideológica, sentida pelos governos, configura-se o temor da implantação de um novo projeto de governabilidade baseado na igualdade social de cunho socialista, só possível com a ascensão de uma nova classe ao poder, a exemplo do que ocorreu na Rússia, fato este agravado com o crescimento do Partido Comunista e das reivindicações de esquerda encetadas, sobretudo, pelo Partido Trabalhista de Leonel Brizola.[6]

Dentro desse entremeio e de todas essas discussões se encontravam os trabalhadores, em especial tomamos a nível de recorte e análise o trabalhador fabril de algumas fábricas da região metropolitana, porém como a pesquisa se encontra em processo de desenvolvimento, ainda são necessários alguns elementos de análise de fontes para que uma perspectiva maior seja dada, então no presente artigo pretendemos desenvolver uma perspectiva baseada na análise do discurso documental produzido por algumas igrejas protestantes e encetar breves comentários a guisa de entendermos um pouco de como a moral e as perspectivas religiosas e trabalhistas andam juntas, eu diria, conversando "animadamente" com a política.

"Odeiam, espalham a guerra, semeiam a destruição, tiram a vida de seu semelhante e dizem promotores e mantenedores da paz"[7] o trecho anterior reforça a ideia na qual vimos nos baseando, ou seja, o discurso da instituição em relação aos seus fieis, o jornal batista, jornal institucional de alta circulação no meio evangélico tem uma influência na formação de opinião dos indivíduos os quais o liam, majoritariamente o público protestante e este por sua vez reproduzia o discurso institucional. Essas práticas são de tal maneira corriqueira que toda uma visão e imagem vão ser formuladas em relação aos comunistas, por exemplo. Porém não só em relação aos comunistas, mas ao que seria considerado como práticas de comunista, não dispomos de tempo para discorrer sobre o assunto, porém segue um trecho que elenca toda a característica deste sujeito que adere ao comunismo

> 1. Ódio a Deus e todas as formas de religião (um verdadeiro comunista tem que ser ateísta).
>
> 2. Destruição da herança e propriedade privada.
>
> 3. Absoluta igualdade social e racial (excetuando-se os comissários, oficiais, especialistas, etc.); promoção de ódio às classes.

---

[6] SILVA, Marcilia Gama da. **Informação, repressão e memória a construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985).** Recife: Editora UFPE, 2014. Cap. 1, p. 61.

[7] Jornal Batista, 1964, 3 de maio de 1964, p. 1.

> 4. Propagandas revolucionárias para agitar as atividades comunistas e radicais com o fim de suscitar greves, revoltas, sabotagem, derramamento de sangue e guerra civil.[8]

Veja o exemplo da prática religiosa aderindo à prática do trabalho e suscitando uma "fôrma" no comportamento do indivíduo, ele cita as greves que tem fundamental importância na prática de reivindicação de direitos do indivíduo, instrumento não necessariamente comunista, mas previsto pela constituição e expressão dos movimentos democráticos legítimos, algo que no período de análise era abominado, pois que não se constituía de fato um período democrático se não que um período de cerceamento em relação aos trabalhadores, ou seja, uma ditadura.

A guisa de conclusão queremos fazer das nossas palavras as de Foucault, em sua aula inaugural no College de France: "O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar"[9], e ainda, como disse Paoli: "trata-se de saber até que ponto os discursos ideológicos, institucionais (que buscam um "efeito de poder" nas palavras de Maria Lucia Montes) poderiam falar para além de sua própria dominação."[10] Esses discursos perpassam o terreno das palavras e alcançam universos diferenciados de práticas e costumes que vão sendo estruturados e incorporados através de instituições e das pessoas que a fazem, misturando e refazendo religiosidades e dimensões as quais essas religiões perpassam.

Referências

CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcus Roberto de. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 47, p. 271-302, 2004.

[8] Jornal Batista, 1949, 27 de janeiro, p. 4

[9] FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 10.

[10] PAOLI, Maria Célia. Os trabalhadores Urbanos nas falas dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In: Lopes, J. S. Leite coord. Et al. **Cultura e identidade operária aspectos da cultura da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro: UFRJ-Museu Nacional: Marco Zero, 1987. P. 61.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**.** Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PAOLI, M. C. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In: Lopes, J. S. L. et al. **Cultura e identidade operária aspectos da cultura de classe trabalhadora**. Rio de Janeiro: UFRJ-Museu Nacional: Marco Zero, 1987.

SILVA, Marcília Gama da. **Informação, repressão e memória a construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964 - 1985)**. Recife: Editora UFPE, 2014.

SILVA, Paulo Julião da. **O anticomunismo protestante e o alinhamento ao golpe militar (1945-1964)**. Curitiba: Prismas, 2014.